

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 215

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1500. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1250 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

A defeza da monarchia

Lança a gente os olhos pela Inglaterra, pela Alemanha, pela Dinamarca, pela Suecia e Noruega, pela Hollanda, nações grandes e pequenas, e vê, em todas ellas, que a monarchia não mantém o povo na ignorancia, não afoga a liberdade, com medo dos progressos do republicanismo ou do socialismo.

Os altos poderes do estado defendem-se, sem duvida, das investidas revolucionarias. Acautelam-se com o perigo demagogico e nem sempre o fazem lealmente. Mas não teem a preocupação, a mania, a idéa fixa de que todo o progresso é uma ameaça.

Aqui, neste jardim á beira mar plantado, consideram-se perigosas todas as tentativas de liberdade, todos os esforços para levantar e civilisar as multidões. Todos! Subordina-se tudo, tudo, á defeza das instituições. As leis fazem-se n'esse exclusivo proposito. A lei eleitoral, a lei de reunião e associação, a lei de imprensa, as leis penaes, as leis de instrucção, e tanto a lei civil como a militar. Ha em todas ellas um fim unico: afogar a liberdade, impedir a iniciativa individual, manter o povo na ignorancia e na miseria, dificultar o progresso, estorvar a civilisação.

O povo não deve saber lêr. Se sabe lêr, sabe raciocinar, sabe pensar. Pensando, pôde concluir que o regimen republicano é melhor do que o regimen monarchico. Vamos então á impedir que o povo apprenda, vamos então á mante-lo na ignorancia, vamos então á abafar o pensamento.

O povo não deve viver vida desafogada. Se não viver na miseria temos dois males: o mal d'elle ter recursos para se civilisar por si proprio e o de faltar dinheiro para manter a grande cohorte dos beaguins e espíões da consciencia publica.

A miseria é um duplo meio de defeza que possuem as instituições. Vamos, pois, á manter o povo na miseria.

Um deputado republicano, um só que haja na camara, pôde ser um fiscal intelligente da dignidade da nação. E, embora não o seja, é, em todo o caso, um máu exemplo. Offende, todavia, o orgulho magestatico de quem tudo pôde e de quem tudo manda. Faz-se uma lei eleitoral que, bem ou mal, com escandalo ou sem elle, exclua da camara os reblicanos.

Não se dão largas á imprensa, que seria contagioso. Não se permite que os cidadãos se reunam para falar, para discutir. Trocar

idéas, affirmar opiniões é altamente subversivo. Entre escravos foi sempre um perigo enorme deixar-se ouvir uma voz de protesto, deixar-se erguer um grito de rebellião.

Lá fóra reúnem-se até os militares. Teem clubs, associações, circulos, clubs famosos, circulos imponentes, onde se juntam aos milhares para conversar, para falar, para discutir. Em Portugal, nem os professores d'instrucção primaria se pôdem reunir!

Aqui, todas as atencões, todas as actividades, todos os zelos e cuidados se limitam a pôr a monarchia a salvo de todos os perigos, de todas as hypotheses perigosas, que é o peor, hypotheses sensatas ou insensatas, admissíveis ou inadmissíveis.

Aqui parte-se do principio de que tudo quanto é progresso, quanto é civilisação, constitue uma ameaça aos interesses monarchicos, embora seja uma ameaça de efeitos longiquos. E recebe-se de má cara, com má vontade, tudo quanto importa progredir, tudo quanto seja caminhar. Quando não se faz isso escandalosamente, porque sempre é vergonha repeller o progresso á bruta, faz-se ás escondidas, por baixo de capa, ou com leis capciosas, cheias de mentiras, de subterfugios, de sophismas.

Com vontade, ou com amor, só se trata a guarda municipal e a policia. Este é o objectivo de todo o esforço dos altos poderes do estado. Pôr a guarda municipal e a policia em condições de resistir, pôr o exercito em condições de impotencia e coacção quando não seja possível corrompe-lo, annullar, entorpecer, dificultar tudo o mais que represente vida, independencia, acção, iniciativa, audacia, eis todo o pensamento, eis todo o trabalho official n'este desgraçado paiz. E um paiz n'estas condições ha de se atrazar á marcha geral da civilisação até ao ponto de succumbir necessariamente. E ha de succumbir.

E succumbe, fatalmente.

A guarda municipal é commandada por uma creatura da confiança suprema. A policia de Lisboa é commandada por uma creatura da confiança suprema. O campo entrincheirado de Lisboa, as divisões militares, os regimentos collocados nos pontos mais importantes do paiz, são commandados por creaturas da confiança suprema. O juiz de instrucção criminal é creatura da confiança suprema. Os outros juizes começam já, tambem, a ser creaturas da confiança suprema. O governador civil de Lisboa e Porto é creatura da confiança suprema. E tudo, e tudo. Começa a ser tudo, tudo, da confiança suprema. E' uma vasta rede d'agentes de policia, estendendo-se de

norte a sul, de leste a oeste, rede que nos envolve por todos os lados, agentes que nos espreitam, que nos vigiam, que nos espiam, ha só uma missao, ha só um fim: esmagar a mais pequenina tentativa de revolta, abafar o pensamento, calar a consciencia, afogar a liberdade, tolher a iniciativa, impedir que o paiz se levante, que o paiz se instrua, que o paiz caminhe, porque o paiz, pensando, discutindo, caminhando, progredindo, pôde matar o regimen.

Defender a monarchia, eis a divisa, eis a palavra de ordem!

Isto, comprehend-se, dá logar aos maiores abusos, aos maiores desperdicios e esbanjamentos, a todos esses attentados e escandalos que dia a dia se veem e referem. A tyrannia provoca a tyrannia. O abuso multiplica o abuso. O egoismo gera o egoismo.

Firmado e apoiado n'uma legião de beaguins, o poder governativo, julgando-se seguro, lança-se de cabeça baixa, com o desrespeito, com o cynismo dos despotas, em todas as orgias. Os beaguins, sentindo-se fortes na fraqueza do mando, que precisa d'elles e d'elles vive, impossibilitado de os conter pela carencia de auctoridade, pela falta da razão e do direito com que elle proprio se apresenta, refinam no mesmo desrespeito, no mesmo esbanjamento, na mesma orgia.

E devoram as forças vivas da nação, que não chegam para alimentar a ancia de gozos e riquezas de que a turba multa se sente possuida.

E' um pandemonio louco.

N'estas condições, comprehend-se que entre nós existam impaciencias revolucionarias que não existem lá fóra. Os nossos republicanos dão, tambem, provas de egoismo, quando pensam mais no dia de hoje do que no dia de amanhã. São capazes d'um esforço de poucos dias, de poucos mezes para proclamar a republica. Não são capazes d'um trabalho aturado para ensinar, para educar, para nobilitar e levantar o povo, para formar, disciplinar e orientar as opiniões. A republica ha de vir para elles a gozarem de prompto. Prepararem-na em condições d'ella fazer a felicidade dos vindouros, de trazer a esta patria infeliz melhores dias no futuro, é obra que não lhes desperta, não diremos entusiasmo, mas interesse, ou, pelo menos, curiosidade.

Mas de quem é a culpa? Da monarchia constitucional, que em tres quartos de seculo nunca tomou a peito a obra patriótica da educação civica, esforçando-se, antes, por corromper, por dissolver, por desmoralisar.

Tem o parlamento allemão mais de oitenta deputados socia-

listas. Ha deputados republicanos e socialistas na Inglaterra, na Italia, na Belgica, etc. Comtudo, ninguem diz que a republica esteja imminente n'esses paizes, ou que n'elles se tramem revoluções immediatas. Porque? Porque a monarchia não se tornou, ali, profundamente incompativel com o progresso e com os interesses nacionaes. Porque não limitou a sua actividade e acção a defender-se de perigos proximos e remotos, de ameaças certas ou incertas. Porque não subordinou tudo ás suas conveniencias restrictas, ao circulo estreito do seu egoismo feroz.

Se não deu largas, deu folgas, pelo menos, á evolução. Não comprimiu o cerebro nem recalçou a consciencia do paiz. E o povo, progredindo com ella, com ella vae exercendo o seu trabalho lento de elaboraçao.

Em Portugal não ha deputados republicanos, não ha o grande partido democratico que existe na Alemanha, na Inglaterra, na Italia, na Belgica e em outros paizes, e, comtudo, em parte alguma existem mais ancias e mais impaciencias revolucionarias.

E' a obra do egoismo monarchico. Obra mesquinha, sob todos os pontos de vista deploravel. Altamente deploravel, profundamente funesta!

CO MUNDO.

Entrou no quarto anno da sua publicação este nosso prezado collega de Lisboa, ao qual desejamos longa vida e as maiores prosperidades.

Os jornaes republicanos não nos merecem consideração e estima pelo simples facto de se dizerem republicanos. Pelo contrario, mais dignos os julgamos das nossas censuras, do que os outros, se não se mantem no campo honesto da defeza dos bons principios.

No Mundo, porém, á parte a discordancia em certos pontos de doutrina ou de processos que possa haver entre nós, folgamos em reconhecer uma nobre conducta, que o honra, honrando a causa republicana.

Por isso são bem sinceras as nossas felicitações e bem sincero o nosso desejo de vêmos prospero e feliz o collega de Lisboa.

Transcripções e referencias

O Debate tem continuado na transcripção das nossas Cartas d'Algures. O Diario da Tarde transcreve quasi todo o nosso ultimo artigo editorial, acompanhando-o de palavras que, embora immerecidas, são muito honrosas para nós, partindo de collega tão altamente cotado no jornalismo portuguez.

Cartas d'Algures

18 DE SETEMBRO.

Em 1881 dizia João de Deus, no prologo do seu livro *A Cartilha Maternal e o Apostolado*:

«A alma d'uma nação como a nossa, onde em quatro milhões e meio de habitantes ha quatro milhões e um quarto de alphabets, acha-se quasi nas condições do instincto animal, e tal nação é necessariamente miseravel: feliz d'ella se arredada dos povos cultos pôde ainda conservar as virtudes proprias das suas irmãs barbaras ou patriarchaes; senão, em contacto com todos os vicios e ambições naturaes da civilisação, e sem os recursos da reflexão e da industria, á miseria reconhecida que é ainda maior miseria, ajuntará a corrupção.»

Dizia bem, muito bem, o grande poeta, e pedagogista eminente. Mas elle mesmo teve a prova de que, infelizmente, Portugal não conserva as virtudes proprias das suas irmãs barbaras ou patriarchaes.

E teve essa prova no pedantismo affrontoso e na especulação revoltante com que os pedagogos, como elle lhe chamava, receberam a sua obra.

Facto que causaria assombro se não tivesse sufficiente explicação no snobismo pelintra, ou n'essa mania das grandezas a que o Povo de Aveiro se referiu. O pedagogogo tambem queria ser gente. Ser alguém, mostrar que o é, provar que o é, é condição indispensavel em todo o cidadão portuguez. E não houve sarrafaçal que não quizesse mostrar que conhecia os mestres da extranja, que não quizesse impôr de sabedoria pedagogica, demonstrando que a obra admiravel de João de Deus era obra nulla ao pé das maravilhas de Regimbeau, de Neel e outros semelhantes.

Ou, então, era movido pela ganancia vil. Cartilheiro d'officio, combatia a Cartilha Maternal porque via n'ella a força destruidora que possuem todos os concorrentes de superioridade manifesta.

Em qualquer caso, ficava demonstrada a falta de virtudes caseiras, da velha virtude portugueza, que desapareceu quando a ignorancia e a selvageria d'este povo se defrontaram com a cultura e a civilisação dos extranhos.

Tornámo-nos um povo pedante, presumpçoso, pretencioso, amante do bem estar e do luxo, com idéas incompletas ou falsas sobre todos os actos e factos da vida.

Começamos a imitar o estrangeiro em tudo e por tudo; e como não tinhamos elementos para o imitar com seriedade cahimos n'uma verdadeira macaqueação, que nos tornou ridiculos ou grotescos aos olhos do mundo, fazendo-nos alvo ou objecto da zombaria geral. Macaqueámo-lo ignobilmente no espirito e no corpo, sem percebermos a triste figura que estavamos fazendo. Moldou-se na litteratura d'ella a nossa litteratura, nas suas leis as nossas leis, no seu trajar os nossos trajes. Mas ficámos como o labrego que, de repente, se arrastou a um salão, depois de se lhe ter enfiado uma casaca e de se lhe ter calçado umas luvas. Fizemos a sua tristissima figura. Toda a gente se riu quando appareceu á porta da sala a figura grotesca do homemzinho arvorado em perso-

nação da tua, a todos se acercaram e começaram a rir, desferindo-lhe os. Mas o infeliz não percebeu o distracto. Continou impávido no seu papel da última hora, julgando que era consideração o que não passava de troça contida, de zombaria geral.

De todos os compatriotas do alleão julgaram o mesmo. O riço, que andava até ali de jactância e calças de saragoça, veio-lhe da repente o desejo ardente de ser *homem* e converteu-se em fúria, em visconça, em filago, começando a desprezar a sua oração, a esconde-la com ansiedade e vergonha, por consequência a ter rijo e desprezo pelo povo d'onde era. Foi um fíbre. Não tornou a haver rijo que não quizesse pôr a cabeça, enfim as luvas e ir ao salão da gente nobre, da gente da moeda, da gente da boa sociedade, que não procurasse casar as filhas com os filhos dos velhos fidalgos arruinados, com os políticos mais festejados e mais influentes, que lhe gozaram a filha e dinheiro, acabando, em regra, por lhe estar trina e outro, chacoalhando da pretensão do sogro.

A febre generalizou-se aos pobres, ás mais infimas classes sociais, estimuladas pelo desleixo com que começaram, num instante, a ser olhadas e tratadas pelos ricos que, até á vespera, haviam, em bom trato, vivido com ellas. E não houve mulher que, para ser dama, para ser alguém, não quizesse usar vestido á franceza e chapéu, ser excêntrica e fazer disparates, como fazem as senhoras. E não houve homem nenhum que, para ser *ocavalheiro*, não adoptasse, o troche-mouche, o que lhe disséram ser a última moda de Paris. E as ruas das cidades de Portugal encheram-se de um dia para o outro de mascaradas grotescas, que desfilarão silenciosas e soras, mulheres vestidas de amarello e encarnado, de azul e verde, com companheiros da sua estatura, á mesma altura e distincção.

Está claro, para isso abandonou-se o trabalho e despejou-se o pé de meia. E exgottado o pé de meia recorreu-se ao credito, ao calote, aos mais torpes expedientes.

A industria nacional deffinhou ou succumbiu. Mas enriqueceu a industria estrangeira, que dia a dia vinha explorar a toleina indigena com novas bugangas.

O que succedeu no corpo succedeu no espirito. Os jornaes abarrotaram de escrevinhadores imbecis. A cada canto se encontrou um litterato, um orador, um sábio, um pedagogo. As columnas dos jornaes e dos livros appareceram cobertas de banalidades ridiculas, plagiatos impudicos, ou chinezices indecifráveis onde não havia que lobrigar uma idéa. Tudo cahiu de admiração deante do estrangeiro e desconfiou-se, e desleixou-se de tudo quanto fosse nacional. Versos ainda se comprehendiam e ainda se admiravam pela rima, pela doçura da phrase, pela toada do ouvido. João de Deus foi proclamado um grande poeta. Mas quando sahio com a sua obra d'educação e ensino, obra admiravel, profundamente nacional, d'extraordinario alcance, já ninguém o attendeu, já ninguém o respeitou, já ninguém o comprehendeu. A imbecillidade, que não sabia fazer versos, desforrou-se a proclamar pedagogia. Todo o imbecil que se sentava n'uma cadeira a ensinar o *abc*, todo o enfatuado que tinha diplomas da *Normal*, se considerou um pedagogo indiscutivel. E cahiu, porisso, a carga cerrada, sobre o poeta, que tivera a audacia de fazer uma coisa mais pratica, mais transcendente, de maior utilidade immediata que os versos. Sobre o atrevido abelhudo, que se metten a ser pedagogo, a falar em pedagogia, sem ter feito o curso de pedagogio, nem haver recebido o baptismo da pedagogia. Chovevam as asneiras, os dislates, os mais vergonhosos desconchavos

á mistura com injurias descabelladas ou grosseiras. E os *intellectuales*, os peralvillios das letras, cruzaram os braços porque, realmente, o *João de Deus* não podia ser um pedagogo nem fazer coisa que não estivesse, já feita e refeita lá fóra. E ninguém estudou a sua obra, tão simples quanto engenhosa. E ainda hoje, passados trinta annos, raros a estudam, poucos a conhecem.

E' uma obra portugueza e feita por poeta.

Não póde ser boa. E assim em tudo. Copiámos do estrangeiro as leis sobre instrução, que comicamente decretámos *universal e obrigatoria*. Copiámos do estrangeiro as leis do trabalho e comicamente decretámos a *protecção á infancia e a previdencia*. Apreghámos, urbi et orbi, a brandura dos nossos costumes e sómos uns barbaros em tudo. Dêmos, para prova, a abolição da pena de morte e da escravatura, e nunca eupregámos a sério os meios de diminuir o crime e de pôr termo decisivo ao trafico humano. Copiámos toda a legislação estrangeira sobre o exercito e estanhos sem defeza, porque não temos exercito.

Para *inglez* ver? Foi só para isso? A pretensão ridicula de se imaginar que enganamos alguém com apparencias d'essas! E' ainda uma pretensão ridicula, uma pretensão que demonstra a nossa inferioridade, uma pretensão d'aldeia, uma pretensão salaio.

Desenganemo-nos. Para não enganarmos o inglez, para não lhe provocarmos o riso e o desprezo havemos de começar por onde elle começou, por onde começaram todos os povos, grandes e pequenos, que vão na vanguarda do progresso, isto é, por educar, por instruir, por elevar o povo. Sem isso não ha riqueza, não ha opinião publica, não ha consciencia, não ha leis efficazes e uteis. E é isso o que ainda não fizemos, como temos demonstrado e continuaremos a demonstrar até ao fim.

Já agora, a demonstração ha de ser completa e perfeita.

A. B.

Dr. Homem de Mello

A corja não cessa de apreghoar a insignificancia do sr. dr. Manuel Homem de Mello. E o sr. dr. Manuel Homem de Mello não cessa de provar que vale mais e póde mais do que elles todos juntos.

Agora até arranjou uma estação telegraphica postal na propria terra do sr. Jayme de Magalhães Lima.

Eis o que sobre isso diz o *Progresso de Aveiro*:

Por comunicação feita ante-hontem pelo sr. ministro das obras publicas ao digno deputado e nosso amigo sr. dr. Manuel Homem de Mello, soube-se que foi assignada pelo titular d'aquella pasta a portaria creando em Eixo uma estação telegraphica postal.

Este melhoramento, ha tanto tempo reclamado pelos habitantes da importante freguezia d'Eixo, antiga villa, foi conseguido pelos esforços d'aquelle nosso illustre representante em côrtes, que, a pedido dos nossos mais influentes correligionarios d'Eixo, pôz junto do ministro todo o seu empenho no deferimento da pretensão, fazendo ver ao sr. conselheiro Paço Vieira as necessidades que a nova estação ia satisfazer, pois serviria, além da freguezia d'Eixo, outras povoações circumvizinhas, como São João de Loure, Eirel, Requeixo e outras.

Aquelles povos estão satisfeissimos com o melhoramento conseguido e muito gratos ao sr. dr. Homem de Mello pelo bom serviço que acaba de prestar-lhes.

Por isso, sabendo-se em Eixo que o nobre deputado passaria ali á tarde, de regresso a Agueda, quando se-

guia d'esta cidade, foi s. ex.^a aguardado na passagem pelas principaes individualidades da freguezia e muito povo, que saudaram o sr. dr. Homem de Mello com muitas vivas e palmas, queimando-se n'essa occasião muito fogo.

S. ex.^a reconhecido pela inesperada e espontanea manifestação que lhe era feita, declarou-se á disposição do povo d'Eixo e prometteu interceder junto do sr. Gustavo Ferreira Pinto para que a camara da presidencia d'este nosso respeitavel amigo, deliberasse fazer no mais curto prazo as obras indispensaveis e urgentes na fonte principal da freguezia, onde agora faltou a agua.

Convencidos da orientação seguida na camara pelo sr. Gustavo Ferreira Pinto, e do interesse que lhe merecem as causas do concelho, estamos certos de que a camara attendêrã o pedido de que as obras não se fiquem paradas.

Associação em homenagem á da freguezia d'Eixo, tambem este jornal agradece ao digno deputado sr. dr. Homem de Mello o importante serviço que acaba de fazer a uma das mais importantes regiões do concelho d'Aveiro.

Nova fabrica de moagens

Teve logar a semana finda, a collocação do *cume* da nova fabrica de moagens dos Santos Martyres.

Houve por isso alli festa rija entre o operariado, queimando-se algumas dezenas de foguetes e havendo merecida para todos.

Cordelmente felicitamos os seus proprietarios.

De passagem

Passou aqui o rei, na terça-feira, em direcção a Vianna do Castello, onde foi assistir ás manobras militares.

Não faltou povinho na estação para... ouvir as cinco bandas de musica que alli tocaram.

Monarchic até á medula dos ossos, o nosso povinho.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executou hoje, das 6 ás 8 da noite, no Jardim Publico, é o seguinte:

Os tres amigos, ouverture, (***)
Da mi patria, suite de valsas, (Gomes)
Homemagem, ode symphonica, (Reis)
Mosaico da opera *Um ballo in mascara*, (Verdi)
A festa na Serra do Pilar, rapsodia, (Mornes)
pot pourri da opera *Tributo de Zamora*, (Gounod).

A NOSSA CARTEIRA

Completou na quarta-feira 84 annos o nosso velho e honrado amigo sr. Francisco Manuel Conceiro da Costa, abastado proprietario d'este concelho.

A sua ex.^a e a sua dedicada familia damos o nosso parabem.

Esteve na sexta-feira em Aveiro o sr. dr. Joaquim Rodrigues d'Almeida, d'Arcas.

Chamberlain

Chamberlain o velho Chamberlain que tanto amamos e tanto sangue generoso ha de ver no Transvaal, acaba de soffrer o primeiro insulto na sua vida publica.

Uns trabalhadores que se achavam agrupados proximo do palacio das côrtes, reconhecendo-o na companhia de Balfour, receberam-no com assobios.

E por isto fez a imprensa estrangeira largos commentarios, como que uma assobiadella de trabalhadores tivesse sequer relação com os biliões de balas e de metralha que cobriram os fertes campos transvalianos.

Como man persagio o podem ir tomando, não ha duvida...

O bem humano consiste em que cada ser gose o maximo de felicidade, sem diminuir a felicidade dos outros.—HUXLEY.

Exposição do Methodo João de Deus

Começaram na segunda-feira as explicações annunciadas do sr. Homem Christo sobre o methodo de João de Deus, explicações que continuarão ainda na proxima semana.

A esse respeito lê se no *Progresso de Aveiro*:

Na escola primaria do sexo masculino da freguezia da Vera-Cruz iniciou na segunda-feira ultima, pelas 10 horas da manhã, uma série de conferencias sobre o methodo de leitura de João de Deus, o sr. capitão Homem Christo. O fim do conferente é explicar ao professorado primario do circulo escolar de Aveiro, que não tenha um conhecimento exacto do methodo, qual o meio de o tornar proveitoso na pratica do ensino, e até que ponto elle se avanta ao processo rotineiro de soletração crystallizado no velho Monteverde, e aos modernos pseudo-methodos de leitura de que o A B C do sr. Trindade Coelho é o exemplo mais completo e recente.

O sr. Homem Christo tomou a peito, como militar, desenvolver no nosso exercito o amor pelo ensino ministrado por companhias ás praças analphabetas, é bastante já conseguiu. O methodo por elle adoptado e defendido é o de João de Deus. Foi da pratica voluntaria de tão util missão, que lhe veio o conhecimento minucioso da orientação pedagogica que é necessario que possuam quantos se propoem ensinar a ler pela *Cartilha Maternal*. Esta orientação constitue o thema obrigatorio das suas conferencias, e é com clareza e paciencia que o sr. Homem Christo vai expondo ao auditorio o que é em theoria o methodo de João de Deus e como da sua feição theorica se passa para o campo essencialmente pratico do ensino.

Póde divergir-se da opinião do conferente sobre se os resultados do methodo são de observação tão immediata nas creanças como nos adultos. O que, porém, não offerece duvida é que sem se conhecer intelligentemente o methodo, deixem-nos exprimir assim,—sem se estar identificado com o espirito de profunda analyse pedagogica que levou João de Deus a elaborar as lições da *Cartilha Maternal*, sem se ter a aptidão necessaria para no ensino da leitura abstrahir da palavra escripta para apenas considerá-la a palavra fallada, não se póde dizer que se ensina pelo methodo de João de Deus. Ensinar-se-ha por um livro que tem esse nome, o que é diferente de ensinar pelo *methodo*.

O methodo de João de Deus é exclusivamente analytic. Este caracteristico, que é capital, requer um conhecimento exacto da analyse da falla. Com razão pergunta o auctor: como poderá doutrinar, ou seguir a leitura analytica quem desconhece a analyse da falla, e por consequencia o valor particular das letras?

A primeira condição, portanto, para ensinar por tal methodo é, como acrescenta João de Deus, o estudo da falla. Esta condição é por completo desprezada quer no systema de soletração quer no de syllabar. Por isso a aprendizagem rotineira da leitura é

morosissima e antirracional, é fatigante, é um verdadeiro terror para as creanças, um trabalho pavoroso e desanimador para os adultos.

A *Cartilha Maternal* tem, pelo menos, 26 annos. Com esta idade e attenta a sua superioridade sobre todas as artes de leitura era bem para desejar que o conhecimento d'ella fôsse mais intimo. Infelizmente não é assim; e se bem que não ha um professor que desconheça a *Cartilha*, muitissimos ha que ignoram o *methodo*. Ora é para os que porventura estejam n'este caso que servem as conferencias do sr. Homem Christo. E com isto não querêmos dizer que os que o tem ouvido ignorem o *methodo*. Vai esta declaração para desfazer melindres, declaração tanto mais cabida, quanto é certo que os srs. professores primarios que tem assistido ás conferencias são dos mais conceituados que conhecêmos e que melhores provas de competencia tem dado no desempenho do seu myster, havendo até entre elles, se não nos enganamos, quem conheça o methodo não unicamente pelo estudo mais ou menos reflectido e aturado das explicações cabaes que acompanham cada lição do auctor, mas porque se preparou com o proprio João de Deus para poder ensinar pela *Cartilha Maternal*.

Consta-nos que hoje já foi feita pelo sr. José Casimiro a exposição das lições já explicadas.

O correspondente da *Soberania do Povo* diz tambem:

O brilhante escriptor e distincto official do exercito, sr. capitão Homem Christo, um devotado apostolo da instrução pelo methodo João de Deus, já ha dois dias que anda fazendo umas explicações sobre o referido methodo, a todos os professores que ainda o não tenham comprehendido bem, na escola da Vera-Cruz.

O sr. Homem Christo ainda continúa amanhã e depois a explicação, a que todos os professores devem assistir, pois que muito aproveitarão. Foi o proprio João de Deus quem ensinou o methodo ao incansavel lutador pela instrução, o que lhe vale poder explicar, como nenhum outro, tão grandiosa obra de ensino.

E diz ainda o correspondente do *Jornal de Vagos*:

O capitão de infantaria 23 sr. Homem Christo tem aqui feito esta semana conferencias diarias sobre o grande methodo de João de Deus, com que elle tem ensinado a ler muitas praças dos regimentos em que tem servido. As sessões, a que tem assistido muitos professores do districto, principalmente á primeira, no domingo, tem logar na escola official da Vera-Cruz, a cargo do nosso amigo José Casimiro da Silva. O sr. capitão Homem Christo tem-se explanado completamente, e como muito bem sabe fazel-o, sobre o valor do methodo, a maneira de o comprehendê-lo e ensinar, sendo sempre escutado com a maxima attenção e immensamente applaudido.

Não nos cabe a nós, simples noticiarios d'este jornal, dizer do merito da obra e dos serviços a ella referentes do seu incansavel propagandista; d'essa justiça se tem encarregado individuos auctorizados, espalhando as suas boas impressões pela imprensa do paiz. Apenas registamos o facto, por o acharmos de bastante importancia e valor, de mais que

foram ha pouco de novo adoptadas para o ensino primario a Cartilha Maternal e Os Deversos dos Filhos do genial poeta extinto João de Deus.

Como dissémos, as explicações continuam na proxima semana.

A QUESTÃO ALPOIM-BARACHO

Como referimos em outro lugar, o Diario da Tarde transcreveu quasi todo o ultimo artigo editorial do Povo de Aveiro, comentando a parte que não transcreveu. O Mundo referiu-se a essa transcrição. O Dia, em artigo do sr. Alpoim, dá as explicações que se seguem, e que é dever nosso publicar:

«Não sabe, pois, (o sr. Alpoim) por não a ler, (a folha republicana de Lisboa) o que ella disse: mas, da leitura do «Diario da Tarde», concluiu que lhe attribue actos exercidos, em apprehensão de jornaes, no tempo do ultimo governo progressista. Diremos ao nosso brilhante collega portuense e ao «Povo de Aveiro», que isto não é assim. No tempo dos progressistas, e bem alto o disseram no parlamento — sem contestação! — os srs. José Luciano e Beirão, não se fez apprehensão alguma de jornaes que não fosse conforme a lei: foram immediatamente remetidos os numeros apprehendidos para os tribunaes. Não succedeu agora assim: e, porque não succedeu com a referida gazeta republicana e com o «Liberal», fez o deputado Alpoim a sua interpegação. Mas, admitindo que tivesse havido qualquer irregularidade — que não houve! — nem ainda assim o ex-ministro Alpoim, que tinha a pasta da justiça, podia ser responsável por actos de auctoridade policias ou administrativas, dependentes do ministerio do reino. A haver abuso, a responsabilidade seria somente do sr. ministro do reino, o nobre chefe progressista, que é incapaz de o praticar por ser sinceramente, e tanto até a dizer fanaticamente, liberal e cumpridor da lei. Portanto, a affirmação não é verdadeira: nasce de rancor pessoal, que obceca e desvia.

Quanto aos delictos de imprensa, o ex-ministro Alpoim não tinha ordenes que dar: a lei imputa nos respectivos magistrados a obrigação de proceder. Não necessitam de ordenes superiores. E, se elle as desse, não podiam ser outras senão as do estrito e fiel cumprimento das prescripções legais.

O antigo ministro da justiça Alpoim encontrou, feita, uma lei de imprensa. A sua obrigação, de ministro e de partidario, era fazer cumprir, respeitar, essa lei que se devia a um collega seu. E, se não se devesse, era o mesmo: a obrigação dos ministros é fazer executar a lei: aliás, deshonram e avilam o poder. Não ordenou perseguições, acintes, exageros, que isso seria rancoroso e baixo: se ordenou, foi somente para o cumprimento nobre e desapaixonado da lei. Pôde algum censurar por isso?

Eis a verdade, exposta singellamente. Aquelle ministro não só não perseguiu a imprensa, mas, pelo contrario, fez que se lhe applicasse uma lei devida ao espirito democratico do sr. Beirão. E, mais ainda: modificou a lei chamada dos *anarchistas* por forma a não cahirem sob a sua alçada jornalistas que ella, facil e injustamente, empolgaria. Não os perseguiu, e, até, os libertou de alguns vexames. Aqui fica, para os nossos illustres collegas, uma exposição leal e sincera.»

Processo

Foram já inqueridas as testemunhas de accusação no processo requerido pelo sr. delegado do procurador régio e entra o celebre Mattos, auctor do espaneamento do pobre homem de Oyã na estrada de S. Bernardo.

Dizem nos que a prova não pôde ser mais esmagadora.

E assim se dará uma satisfação á sociedade, pelas faguehudas proezas do valentão.

Lamparinas

Não tem outro nome a luz que os nossos candieiros de illuminação publica estão dando.

Para o bairro piscatorio, são verdadeiras lamparinas de azeite.

E' ataraxar de mais, e o sr. presidente da camara deve cohibir tal abuso.

Ha uma differença entre os grandes e as estatuas: é que estas parecem crescer e tornar-se maiores quando d'ellas nos aproximamos, e aquelles parecem encolher-se e diminuir.

OS PHOSPHOROS

Um novo tapa-olhos

Foi publicado no Diario do Governo, de quarta-feira, uma portaria recommendando ao commissario régio junto da companhia dos phosphoros, «a maior vigilancia no que respeita ao fabrico e acondicionamento dos phosphoros, por serem frequentes as queixas contra a má qualidade da isca e dos palitos ou pavios phosphóricos, denominados de segurança ou amorphos de madeira, e bem assim relativamente ás caixas dos differentes typos de phosphoros expostos á venda e contra a falta de numero legal de palitos que cada uma deve conter», etc., etc.

E resume-se n'isto a representação do governo aos desmandos da companhia dos phosphoros, de quem tem recebido amargos queixumes de todo o paiz: — recommendar ao seu commissario régio junto da companhia dos phosphoros a maior vigilancia no caso.

Em compensação, vae a folha official publicar uma portaria determinando que os phosphoros e isca apprehendidos em contra-venção das prescripções legaes, sejam julgados perdidos e os delinquentes punidos da seguinte forma:

Com o quintuplo do respectivo imposto os descaminhos da isca.

Com multa até 25\$000 réis os descaminhos dos phosphoros, a qual poderá elevar-se até 300 mil réis no caso de fabricação clandestina de phosphoros fórdas fabricas da empresa concessionaria do exclusivo.

E no caso de reincidencia a multa será sempre aggravada, podendo elevar-se até ao duplo. Quer dizer, a coisa pôde render até á insignificante quantia de 600\$000 réis. Isto além de outras tarrazas e tarrazinhas que apertam misericordiosamente o pescoço do pobre Zé, sempre prompto a ageitar no lombo a pezada albarda com que o mimoseiam. Para a Nossa Senhora Companhia dos Phosphores, vigilancia nas caixinhas, (vigilancia que nunca se fará); para o Zé a golilla, o cutello, a forcea. Bravo, meus senhores, muito bem.

Nem outra coisa era de esperar do governo que por mal dos ossos peccados nos vae regendo.

Para panno d'amostra transcrevemos em seguida as sensatas palavras que sobre o caso publicou o correspondente d'esta cidade para um jornal de provincia, e bem assim o numero redondo de phosphoros que a sua grande peiencia descobriu faltarem em uma grossa d'elles, ou sejam, apenas, em 72 caixinhas.

Vejam e admirem:

De ha muito que andavamos com a idea de verificar quantos phosphoros e cera faltariam em meia grossa deexas, que a companhia vende em pacos. Chegou hoje a occasião. Depois uma enorme massada e d'uma gran paciencia, podemos finalmente informar os nossos leitores, com toda a precisão, de que maneira é que a senhor companhia consegue todos os annos treccar uma grande receita e distribuir um fabuloso dividendo.

Uma coisa muito difficil á primeira vista, mas muito facil depois de explicada.

Imaginem naturalmente que foram uns trinta sessenta ou cem que faltavam?

Isso sim; upa, upa. Faltavam 209 e tinham 305 inutilizados, sem cabeça, ou sejam ao todo 514 phosphoros de lucro para a companhia!

Mas n'este bello paiz da Europa, á beira-mar plantado, como muito bem disse um illustre escriptor já fallecido, tudo corre á matrôca, os monopolistas navegam em mar de rosas, e vão enriquecendo á custa do pobre Zé pagante, com o auxilio de quem sabe a sua fiscalisação, pois que de nada quer saber o governo, antes pelo contrario os auxilia com medidas rigorosissimas, para que não vá algum desgraçado lesar a companhia, accendendo com alguns trapos velhos um réles cigarro.

Isto é intoleravel e não pôde continuar assim; em 72 caixas, repetimos, faltarem 514 phosphoros, é a gente gritar com toda a forcea dos nossos pulmões! — *Quem são os que nos roubam!*

Mas o pobre Zé, de carga, o povo, vae-se aguentando até que um dia atira com a albarda ao ar. Esperem-lhe pela solta.»

Lá sobre a atiradella da albarda ao ar pelo Zé pagante é que nós temos as nossas duvidas que aconteça. Este povo está tão molle e tão doente, que de atrophiado já parece pôdre.

Um homem rico pôde comer bellos acepipes, mandar pintar os seus tectos e as suas alcovas, ter um palacio no campo e outro na cidade, ter grandes equipagens, introduzir um duque na familia e fazer de seu filho um senhor; tudo isso é justo e natural. Mas cabe a outros viverem felizes!

LA BRUYÈRE.

Bibliotheca Popular Educativa

Propõe se esta Bibliotheca publicar pequenos manuaes d'instrução — orações scientificas — que vão desbravando a ignorancia, preparando o povo para a consciencia de si mesmo e conhecimento do Universo e das leis scientificas que regem os mundos e a Humanidade nas suas aggrupações.

Começa pelo *Judeu, Christãos e Mahometanos* perante a sciencia, por Felizardo de Lima

Sahirá uma folha semanal de 16 paginas, 8.º francez, pelo preço de 20 réis, e quando houver estampa custará esta 10 réis.

Toda a correspondencia: rua de Anselmo Braamcamp — Porto.

Ai adeus acabaram-se os dias Que ditoso vivi a teu lado.

— Ai, adeus, adeus até ás pódas que as vindimas já vão tarde.

— Não é tanto assim, porque ellas ainda não principiaram, mas como isto é dito velho não lhe queremos tirar o sabor da antiguidade. E por isso, adeus, menino, adeus. Se não nos tornarmos a vêr que a falta seja tua. Amen, como diria o nosso rico e amado Frei Chica da Purificação.

No Porto, uma *devergonhada* mãe, a troco de 15\$000 réis, entregou á brutalidade do capitalista Joaquim Luiz Ferreira, uma sua filha menor de 13 annos.

A dona da casa onde se praticou o infame estupro, bem como a mãe da desventurada creança e o lascivo capitalista acham-se já entre os ferros da prisão para responderem pelo repugnante crime.

LYCEU DE AVEIRO

Em casa de familia, recebem-se alumnos que frequentem a Lyceu. Bom tratamento e maxima vigilancia.

Dirigir carta a C. H. R., rua do Gravito, 29, 1.º — Aveiro.

BASTA!

Fazem estremecer os nervos e dão calafrios pelo corpo as noticias dos sanguinolentos morticínios da Macedonia.

Parece incrível que no seculo XX, seculo a que deveriamos chamar de *luz radiante*, em virtude de classificaçõem o passado das luzes, mas luzes que muita gente alcançou de apagadas, parece incrível, repetimos, que as nações que se presam de civilizadas consistam que povos semi barbaros, mais parecendo feras que gente humana, se trucidem mutuamente, chegando o requinte da ferocidade á mais assombrosa carneçeria que os annaes da moderna historia registam, como se deprehe pelos telegrammas que seguem e que bem mostram o horror de tal cannibalismo:

Londres, 15. — Enviaram de Sofia ao Times novos promenores acerca dos excessos dos turcos em Kruskovo; o templo bulgaro foi saqueado e incendiado; a povoação foi bombardeada sem prévio aviso; o saque, os incendios e assassinatos duraram dois dias.

Muitas pessoas esconderam-se por baixo das pontes, d'entro de agua, ficando ali 3 dias sem comer. Por toda a parte ha cadaveres inteiros, membros e cabeças que os cães disputam.

Os turcos commetteram atrocidades de tal ordem que é impossivel descrevel-as.

Outras 50 povoações tiveram a mesma sorte.»

Londres, 18. — Dizem de sofia que o ministro dos estrangeiros recebera um telegramma, participando que a cidade Kastonica fóra destruida, assassinando os turcos a população.

Kastonica contava 10:000 habitantes.

Isto não se pôde classificar como combates de homens; isto são simplesmente assaltos de feras nos horriveis desesperos da fome.

Estes homens, se d'isso teem o nome, não se podem classificar como belligerantes, e por isso, além d'um dever, era um acto de alto humanitarismo que as nações cultas obstassem a taes carnificinas.

On caminhámos para o retrocesso? E' tempo de nos illucidarem.

Dez chefes de policia demittidos

Foram demittidos 10 chefes de policia em Madrid por fazerem accusações mutuas e que nada honravam a corporação a que pertenciam.

Estamos a vêr que, se a molestia se tornar contagiosa, alguma vez tambem a policia cá do reino se resolve a entrar no mesmo caminho.

E' caso para se dizer depois como muito bem disse um integro magistrado, em tempo: «Ahi temos uma policia que precisa ser policiada.»

Tremor de terra

Em Lisboa senti-se novo tremor de terra que pôz em sobresalto os seus habitantes. Com este é o segundo que com pequeno intervalo de tempo alli se tem feito sentir, e que sensivelmente tem impressionado o povo da capital.

Em varios pontos do paiz tambem se fez sentir, mas com menor intensidade. Entre nós passou despercebido.

A tempo e horas

El Democratista Cristiano, de Malaga, lembrou-se de insultar a aristocracia malaguenta por estar ter assistido ao baile do El Liceo, celebrado pela chegada da esquadra ingleza áquelle porto.

Pois os escrupulos religiosos dos redactores do jornal foram largamente recompensados á bengalada pelos offendidos, que os deixaram bastante maltratados.

Estes srs. catholicos de Hespanha te em coisas de se lhes tirar o chapéu.

Pois que lhes preste a licção e que a aproveitem para emenda.

Pollcia civil

O governo acaba de auctorisar a compra de revolvers e cartuxame para a nossa policia civil. Não ha duvida que era uma falta bem sensível na policia d'aqui.

Publicações

Temos em nosso poder varias publicações, de que hoje não podemos dar noticia por absoluta falta de espaço.

Irá no proximo numero.

Contribuição Predial Urbana

A Bibliotheca Popular de Legislação, com sede na Rua de S. Mamede, 107 (ao Largo do Caldas) Lisboa, acaba de editar este novo regulamento, em conformidade com a ultima publicação do Diario do Governo E' a unica edição que contém a carta de lei de 29 de julho de 1899, e o regulamento do serviço das annullações por sinistros, occorridos em predios rusticos, de 25 de agosto de 1903, sendo o seu preço 200 réis.

Tambem já está exposta á venda o regulamento relativo ao imposto sobre Especialidades Pharmaceuticas. O seu custo é de 200 réis.

No prélo: *Tabella das Taxas do Sello de Licença*, que devem ser cobradas juntamente com a contribuição industrial — Preço 100 réis.

Festividade tumultuosa

Na festividade da Senhora da Maluca, Gafanha, houve farta arranhadella e encontrão.

E' que o vinho, apesar de caro, teve largo consumo entre os devotos da Senhora e que em sua honra beberam á farta.

E d'ahi o ficaram todos malquinhos, zaragateiros, em conformidade com a invocação da Senhora.

Notas alegres

Uma vez fez exame em julho e sahi reprovado. A familia, que estava na provincia, esperava ansiosamente noticias. Elle mandalhe o seguinte telegramma:

— Exame esplendido! Professores entusiasmados! Pedem segundo exame em outubro.

Conversa surprehendida:

— Tem paciencia, amigo, mas o que eu não sou capaz de comprehender é a razão porque dás a mão de tua filha ao homem que era o teu mais feroz inimigo.

— Pateta! E' para me vingar d'elle, sabendo a prenda que leva...

Mulher-homem

Em Loures foi presa Maria do Carmo, solteira, de 23 annos de idade, filha de Antonio de Souza, já fallecido, e de Maria do Carmo, de Torres Vedras, por andar publicamente vestida com trajos de homem.

Tinha sido raptada de casa dos paes ha cerca de 7 annos por Antonio Thomaz, natural de Alvaizere, que a levou para Lisboa e ali a obrigou a vestir-se com aquelles trajos e a usar o nome de José Thomaz, explorando-lhe depois quantos cinco réis ella ganhava como servical d'uma quinta onde o mariolão a collocou, espaneando-a quando ella se fartava a entregar-lhe as férias por completo.

E tão habituada anda a infeliz nos trajos d'homem que, na cadeia, uma companheira compadecida do seu estado, cedeu-lhe diversas peças de roupa femenil, mas a pobre tanto frio sentiu que d'ahi a pouco não teve remedio senão mudar de farpella.

Apresenta as mãos muito callosas.

das, mostrando assim o excessivo trabalho que era obrigada a fazer para sustentar o radio do amante, que tão vilmente abusou do sexo e fraqueza da pobre rapariga para a explorar, indo agora denunciá-la por ella de vez ter aliado aquella pesada carga de cima das costas.
Ai marmelleiro...



PRACA DE TOUROS

NO PHAROL DA BARRA DE AVEIRO

NOS DIAS 27 E 28
AS 3 DA TARDE

DESLUMBRANTES CORRIDAS

DE 8 BRAVISSIMOS TOUROS

CAVALLEIROS

Morgado de Covas
e José da Fonseca

ESPADAS — Francisco Louzada (*El Nene*) e Raphael Toledo (*El Paleño*).
BANDARILHEIROS — José de Sousa Cecilio, Francisco Louzada, Francisco Peixinho e Raphael Toledo.

Um valente grupo de forcados de Aveiro farpeará um touro em cada corrida.

O 8.º touro é destinado aos curiosos.

O bandarilheiro Cecilio fará, na primeira corrida, a arriscadissima sorte do salto de vara, que dedica ás damas; e na segunda o bandarilheiro Peixinho, que a dedica á classe piscatoria d'Aveiro.

E' director das corridas o sr. Leonardo da Cruz.

Assiste a phylarmonica Aveirense.

PREÇOS — Camarotes de sombra, 3,120 réis; ditos de sol, 2,800 réis; reservados, 600 réis; sombra, 420 réis; sol, 220 réis.

Os bilhetes estão á venda em Aveiro na *Veneziana Central*, na *Tabacaria Havaneza*, aos Arcos, e no estabelecimento dos srs. Antonio Ferreira Felix, Filhos, á rua Direita.

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açogue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em lã todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, esturme, etc.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

ANNUNCIO

DIRECCÃO DAS OBRAS PUBLICAS

DISTRICTO DE AVEIRO

1.ª SECÇÃO

Estrada districtal n.º 81 de Castro Daire por Esther de Cima a Galanhão, a Campello e á Moita

Lanço do Penedo do Valle do Gato á ponte do Couraça

Empreitada de execução de uma tarefa de terraplanagens e obras d'arte entre perfis n.ºs 136 e 139

FAZ-SE publico que no dia 30 do corrente mez de setembro, pelas 12 horas da manhã, na secretaria da 1.ª secção em Sobrado de Paiva e perante a respectiva commissão, presidida pelo chefe da secção, se receberão propostas em carta fechada, para a arrematação da empreitada de execução de terraplanagens, comprehendidas entre perfis n.ºs 136 e 139 e da construção completa do pontão de perfil n.º 137; sendo a base de licitação:

RÉIS 488\$779

O processo da arrematação, contendo as medições, desenhos, encargos e condições, estarão patentes na secretaria da Direcção das Obras Publicas do Districto d'Aveiro e na secretaria da 1.ª secção em Sobrado de Paiva, todos os dias não santificados, desde as 9 horas da manhã, até ás 3 da tarde.

As guias para effectuar o deposito provisorio, na importancia de 12\$220 réis, são passadas na secretaria da 1.ª secção, até á vespera do dia da arrematação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 % do preço da adjudicação.

Sobrado de Paiva, 17 de setembro de 1903.

O CONDUCTOR CHEFE DA 1.ª SECÇÃO,

Augusto da Maia Romão.

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal, (1.ª parte) 15.ª edição, preço 200 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte) 15.ª edição, preço 300 réis.

Estes dois livros, approvados pelo governo, completam a arte de leitura de João de Deus.

Album, contendo as lições da CARTILHA MATERNAL, preço 9\$000 réis.

Quadros parietaes, contendo as mesmas lições em 35 cartões, 9\$00 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, 270 réis.

DO MESMO AUCTOR

Campo de Flores, 3.ª edição das poesias lyricas completas, coordenadas, das sob as visitas do auctor, pelo dr. Theophilo Braga, 700 réis.

Prosas, (de João de Deus) coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, preço 800 réis.

PEDAGOGIA: A Cartilha Maternal, (1.º livro) 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.º livro) 500 réis.)

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras acham-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos do costume ás livrarias.

Pedidos ao commissario Francisco Franco, Livraria Popular, Travessa de S. Domingos, 60, Lisboa, aonde serão dirigidas as requisições.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando a referido methodo.

Os municipios, corporações e professores que queiram adoptar nas suas escolas o methodo de João de Deus, tambem teem desconto especial.

Deposito geral das obras, L. do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA.

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil, Publicista

E' sobejamente conhecido, em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recommendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

—————

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peize—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo

(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDA SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papeleria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapéus. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da ca Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicycletes *Cleant* e machinas de costura *Memoria*, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelanquinilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e próas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se recomendam que não venham acompanhadas da receptiva importancia.